



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**A PREDESTINAÇÃO COMO RESULTADO DA CIÊNCIA E DA VONTADE DE DEUS
NA FILOSOFIA DE TOMÁS DE AQUINO**

ALUNO: ISRAEL GOMES DA SILVA

Seropédica
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

A PREDESTINAÇÃO COMO RESULTADO DA CIÊNCIA E DA VONTADE DE DEUS NA
FILOSOFIA DE TOMÁS DE AQUINO

ALUNO: ISRAEL GOMES DA SILVA

Trabalho de Conclusão do Curso de Filosofia da
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, para
a graduação em Licenciatura Plena em Filosofia, sob
a orientação do Profº Dr. Rodrigo Brito.

Seropédica/RJ
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

ISRAEL GOMES DA SILVA

Monografia submetida como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Filosofia do Departamento de Filosofia.

MONOGRAFIA APROVADA EM ____/____/____ com média:

Nota:

PROFº DR. RODRIGO BRITO (ORIENTADOR) UFRRJ
PRESIDENTE

Nota:

PROFº DR. RENATO VALOIS - UFRRJ
EXAMINADOR INTERNO

Nota:

PROFº DR. MARKOS KLEIN - UFRJ
MEMBRO EXTERNO

“Dedico essa Monografia à Deus por sempre estar ao meu lado nos momentos mais difíceis da vida, me fortalecendo e renovando minhas energias, quando o desânimo e a ansiedade batem à minha porta”.

Agradecimentos:

Agradeço primeiramente a Deus por ser o meu Senhor, o meu Rei e, também, meu maior amigo. Ele sempre envia pessoas para me ajudarem diante das muitas dificuldades que surgiram em minha caminhada. Agradeço também aos meus falecidos pais, Agostinho e Josete, que sempre acreditaram no meu sucesso e se esforçaram para que eu conseguisse alcançar a realização dos meus sonhos. Agradeço aos amigos e irmãos por fazerem parte de minha história. Aos nobres professores que me apontaram as várias possibilidades do conhecimento e especialmente ao meu orientador Dr. Rodrigo por ser o braço forte que me ajudou a não desistir durante todo o processo de construção acadêmica. Agradeço também à minha esposa Ana Lúcia e aos meus filhos que nunca duvidaram que eu conseguiria chegar a esse dia tão significativo, mesmo após ter ultrapassado a metade de um século de vida e, só podendo ter iniciado o estudo em uma universidade após me aposentar. Muito Obrigado por fazerem minha vida tão feliz!

“Não há injustiça em Deus, se reserva dons
desiguais para seres que não o são.”

(Tomás de Aquino)

RESUMO:

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar o tema da predestinação a partir da obra “A Suma Teológica”, de Tomás de Aquino. Um tema ainda controverso entre as duas maiores vertentes do cristianismo: de um lado, o catolicismo romano, cujos representantes principais são Agostinho e Tomás de Aquino, somando-se a eles boa parte das igrejas reformadas, tendo como seu maior expoente João Calvino; e, do outro lado, uma parcela significativa dos protestantes, representada por igrejas de pensamento arminianista, cujo maior expoente é Jacob Arminio. Para apresentar o pensamento de Tomás neste trabalho, será considerado um breve histórico, extraído do comentário introdutório da obra, na versão brasileira, por Marie-Joseph Nicolas, que servirá para compreendermos as influências externas a que fora submetido o escritor da obra, sua educação principal e suas pesquisas acadêmicas, bem como o seu principal mentor, Alberto Magno, que lhe introduziu às obras de Aristóteles, levando-o a definir sua posição filosófica e teológica. A importância de alguns atributos de Deus, como Eternidade, vontade e Ciência como responsáveis pelo seu ato pessoal de predestinar o que quer que seja a um fim. O homem como conhecemos, antes mesmo de nascer já está predestinado (uns para a salvação e outros para a danação). Tal compreensão é essencial para a elucidação do pensamento de Tomás e o motivo do tão conturbado relacionamento entre as principais denominações evangélicas.

Palavras-chave: *Tomás de Aquino; ciência, vontade, predestinação.*

ABSTRACT

The present work aims to present the theme of predestination at "The Theological Summa", of Thomas Aquinas. It is a still controversial topic, object of quarrels between the two main branches of Christianity: on the one hand Roman Catholicism, whose main representatives are Augustine and Thomas Aquinas, as well as a great part of the Reformed churches having as its greatest exponent, John Calvin; and, on the other hand, a significant portion of the Protestants, represented by Arminianist churches, whose greatest exponent is Jacob Arminio. To present Thomas' thought in this work, a brief history will be considered, extracted from the introductory commentary on the work, in the Brazilian version, by Marie-Joseph Nicolas, which will serve to understand the external influences to which the writer of the work was submitted, his education and his academic researches, as well as his main mentor Albert the Great, who introduced him to the works of Aristotle, leading him to define his philosophical and theological position. The importance of some attributes of God, such as Eternity, Will and Science as responsible for your personal act of predestinating anything to an end. The man as we know, even before being born is already predestined (some for salvation and others for damnation). Such an understanding is essential for elucidating Thomas' thought and the reason for the so troubled relationship between the main evangelical denominations.

Keywords: *Thomas Aquinas; science, will, predestination.*

Sumário

1- INTRODUÇÃO	1
2- AS FONTES DO PENSAMENTO DE SÃO TOMÁS DE AQUINO.....	3
2.1 A Tradição Patrística	4
2.2 A Tradição Escolástica	4
2.3 A Tradição Filosófica Aristotélica	6
3 - A RELAÇÃO ENTRE A PROVIDÊNCIA E A PREDESTINAÇÃO	6
4 - A PROVIDÊNCIA (QUESTÃO 22 DA SUMA TEOLÓGICA)	8
5 - A CIÊNCIA DE DEUS (QUESTÃO 14 DA SUMA TEOLÓGICA)	9
6 - A VONTADE DE DEUS (QUESTÃO 19 DA SUMA TEOLÓGICA).....	11
7 - CONCLUSÃO	13
8- BIBLIOGRAFIA:	15

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a intenção de apresentar a importância do tema da predestinação e a dificuldade na aceitação desse tema no meio evangélico atual, sendo tal discussão enfatizada desde a Idade Média, estendendo-se até os dias atuais. Tais questões acabaram por construir disputas acaloradas no seio do cristianismo medieval iniciadas por Santo Agostinho de Hipona (354-430 d.C) chegando à idade moderna através dos ensinamentos de São Tomás de Aquino (1225-1274 d.C) que compôs na *Suma Teológica* e na *Suma Contra os Gentios*, dentre outras obras, a síntese de seu pensamento filosófico.

A partir dos escritos desses dois filósofos cristãos, a igreja Cristã (Católica e Protestante) abraçou algumas doutrinas que aparentam ser antagônicas, pois como se entender o Livre Arbítrio em face a uma predestinação das coisas desde algum tempo anterior à sua existência? Seguidores de Calvino¹ e Armínio² contenderam-se em debates que chegaram até nós, nas divididas denominações evangélicas atuantes.

De um lado, os Calvinistas, representados pelas igrejas reformadas (Presbiterianos e Luteranos) e, do outro, os arminianos, representados pelas igrejas Metodistas, Batistas Gerais e Pentecostais, continuam a disputar os seus fiéis apresentando-lhes os argumentos controversos desses dois temas filosóficos.

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema e nem de arbitrar um lado certo ou errado, mas de descortinar nos escritos de Tomás de Aquino, principalmente na *Suma Teológica*, o pensamento desse grande filósofo da Igreja, a partir da admissão da existência de um Deus eterno, pessoal e onipotente. Para tanto, será preciso entender como pensavam os pares de Aquino no Séc. XIII e quais eram as fontes que ele tinha à sua disposição, visto que, como frade dominicano, estava sujeito às influências dos pensadores dessa ordem.

Sendo o presente tema reconhecidamente uma das questões mais difíceis e controversas da teologia cristã, Aquino trata primeiramente de outras questões indispensáveis ao seu entendimento, dentre eles: “A Providência”, “A Ciência em Deus” e a “Vontade de Deus”. Compreender o tema da liberdade de Deus, que Deus é um Ser plenamente livre e que tem total

¹ João Calvino, teólogo francês, pai do Calvinismo (1509 – 1564 d.C)

² Jacob Arminio, teólogo reformado holandês, pai do arminianismo (1609 – 1661 d.C)

liberdade em realizar a sua vontade, e também a Divina Providência como pertencente à prudência, é também compreender que estas ideias são indispensáveis à tese de Aquino sobre a predestinação das coisas presentes e futuras em algum tempo na eternidade.

Assim, Tomás de Aquino delineia toda a sua teologia fazendo-a concluir a possibilidade de Deus predestinar as coisas como quis e o resultado que isso causa nas vidas das pessoas.

A relevância desse tema na filosofia se dá pelo fato de ainda hoje existirem disputas entre os cristãos a partir do entendimento da filosofia de Aquino. Essas disputas estão mais acirradas com o crescimento das igrejas pentecostais, cujos representantes, adeptos da teologia arminiana (sucessora do pelagianismo³) discordam das teses de Tomás de Aquino e, conseqüentemente, da maior parte dos reformadores protestantes, ao menos no que diz respeito à predestinação.

Para Jacob Armínio, a predestinação contraria o Livre Arbítrio, que, por sua vez, oferece ao homem a decisão de aceitar a proposta de Deus no que diz respeito à salvação de sua alma. Do outro lado estão as igrejas históricas e tradicionais oriundas da reforma protestante, que têm em suas doutrinas o preceituado no Sínodo de Dort, cujo maior expoente, João Calvino, apresenta, na mesma linha do entendimento de Agostinho e Tomás de Aquino, a total liberdade de Deus em predestinar por sua livre vontade e poder àqueles que serão salvos pelo uso de sua graça.

Para que se alcance uma compreensão filosófica sobre a atuação da Providência divina nos seres humanos predestinando-os a determinado fim, causa de acirradas disputas teológicas no seio da igreja cristã, mais evidentes nas principais denominações evangélicas, é necessário também conhecer o pensamento de Tomás de Aquino a respeito dos atributos Ciência e Vontade de Deus que confirmam a justa ação divina ao predestinar o homem à salvação ou à condenação eterna.

³ Doutrina segundo a qual o homem é totalmente responsável por sua própria salvação e que minimiza o papel da graça divina. Pelágio foi um monge ascético (360 – 420 d.C)

2- AS FONTES DO PENSAMENTO DE SÃO TOMÁS DE AQUINO.

Para se compreender como Tomás de Aquino apresenta o tema da predestinação deve-se conhecer um pouco da história de Tomás de Aquino, a fim de se indicar como se deu sua educação, quem o introduziu no Estudo das Artes, como ele conheceu as ideias de autores como Agostinho e os filósofos árabes Avicena⁴ e Averróis⁵, responsáveis por traduções de textos de Aristóteles, bem como a importância de Alberto Magno em sua vida acadêmica.

Conforme expõe Marie-Joseph Nicolas, na Tradução brasileira do Volume I da *Suma Teológica*, Tomás de Aquino foi educado no mosteiro do Monte Cassino, onde o seu tio Sunibaldo era o abade. Aos 14 ou 15 anos foi enviado para estudar Artes liberais na Universidade de Nápoles, fundada em 1200. Ali ouviu falar de Aristóteles, passando a considerá-lo “o filósofo por excelência”. Foi nessa universidade que encontrou alguns frades pregadores, novidade para aquele tempo, tendo em vista as suas vidas castas, estilo abnegado e intelectualidade, fazendo com que ele pedisse o hábito de São Domingos. Sua iniciação filosófica se deu sob a tutoria do prestigiado Mestre Alberto⁶, por cerca de três anos e depois continuando por cerca de sete anos. Alberto era um estudioso do pensamento de Aristóteles que à época era interpretado e comentado por filósofos árabes, como Avicena e Averróis.

Tomás, apesar da grande influência de seu mestre Santo Alberto, ainda tinha no conjunto dos pensamentos de seu tempo, o núcleo de seu próprio pensamento. O Sistema de ensino daquela época era incentivado através das “disputas”, isto é, debates públicos em que os acadêmicos apresentavam seus estudos. A *Suma* possui muitos pensamentos que não são de origem exclusiva de Tomás. A fonte principal de sua filosofia eram “as Sagradas Escrituras” e, para comentá-las, ele se utilizava das “Glosas”⁷ de Walafrido Estrabão⁸ e de Anselmo de Laon⁹.

⁴ Avicena; ‘Abu ‘Ali al-Hussain ibn ‘Abd Allah ibn al-Hassan ibn ‘Ali ibn Sina (980-1037). Conhecido pelos ocidentais como Avicena, ele escreveu mais de cem livros, nos quais versou sobre lógica, ciências naturais, matemática, metafísica, teologia e medicina. Traduzido para o latim no século 12, é um dos pais da filosofia medieval. (Fonte: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-arabe-que-mudou-o-ocidente/>)

⁵ Averróis (1126-1198). Árabe nascido em Córdoba, na Espanha, depois de ter estudado matemática e filosofia. Era também teólogo. (ST p. 107)

⁶ Alberto Magno (1193 -1280) Frade dominicano, teólogo e filósofo, natural de Lauingen na Suábia. Influenciado pelo pensamento aristotélico, foi mestre de Tomás de Aquino. Declarado santo e doutor da Igreja em 1931. (ST p.105)

⁷ Glosas - Compilações de textos sagrados contendo na margem excertos de comentários patrísticos. Sec XII (ST p. 112)

Tomás se utilizava também de seu conhecimento dos concílios para firmar seu pensamento, como o Concílio de Orange, que o leva a falar de forma precavida sobre a relação da Graça e da Liberdade.

2.1 A Tradição Patrística

Como religioso de sua época, era grande a influência da tradição patrística na vida de Tomás, que buscou conhecer os escritos dos Santos Padres, como as homilias de São João Crisóstomo sobre São Mateus. Utilizou-se também de compilações de manuscritos antigos, séries de textos, coleções e Sentenças, inclusive de padres gregos, traduzindo até para o latim um compêndio de textos gregos (cerca de cinquenta padres). Utilizou textos como “De Fide Orthodoxa” de São João Damasceno, a leitura que fazia e comentava do pseudo-Dionísio e, principalmente, os escritos de Santo Agostinho, o grande mestre da cultura cristã na Idade Média. Agostinho foi para Tomás a referência em matéria de fé e de teologia, enquanto que em matéria de Filosofia, sua fonte principal era Aristóteles. Ele estava ainda muito familiarizado com os comentadores árabes e judeus e, apesar de não ter podido ler Platão, conhecia bem seus temas.

2.2 A Tradição Escolástica

A liberdade de espírito de Tomás o levou a formular seus pensamentos a partir de confrontos com o pensamento de seu tempo. Ele enfatizava que o estudo de filosofia não era para saber o que os homens pensavam, mas em que se consistia a verdade, cuja maior autoridade sobre o assunto é a Palavra de Deus. Nesta época surgiram muitos conflitos de pensamentos entre os professores das universidades, inaugurando assim, o escolasticismo¹⁰, graças à contribuição de vários tradutores que surgiram no século XII.

⁸ Walafrido Estrabão - Monge e teólogo francês (808-849) autor de várias obras teológicas e poesias e recebeu o crédito por Anselmo de ter sido autor da Glosa Ordinária da Bíblia, obra datada do séc XII. (Fonte Wikipédia)

⁹ Anselmo de Laon - teólogo francês (1050-1117) foi um teólogo francês, responsável por algumas palavras colocadas entre as linhas ou margens de textos sobre as escrituras (glosas). (Fonte Wikipedia)

¹⁰ Conforme NEWMAN 2009, O termo “escolasticismo” vem da palavra grega scholē, (lugar que se aprende). O termo foi aplicado a professores na escola palaciana de Carlos Magno e também aos eruditos medievais que utilizavam a filosofia no estudo da religião e da teologia. É a tentativa de racionalizar a teologia para que se sustente a fé com a razão; ou seja, a Bíblia deve ser interpretada e sistematizada pelo prisma da filosofia através da dedução lógica aristotélica, sendo a emergência (no sentido de emergir) da filosofia aristotélica a causa de seu surgimento.

De acordo com KENNY (2012), no início do século XII, apenas algumas obras de Aristóteles, como “as Categorias” e “De Interpretatione”, traduzidas por Boécio, eram conhecidas. Posteriormente, Jaime de Veneza traduziu os “Segundos Analíticos”, e nos meados do século, traduziu também “a Física” “De Anima” e os primeiros livros da “Metafísica”, além de outras obras, como os Livro 2 e 3, partes da “Ética a Nicômaco”(conhecida como a Velha ética). a partir da segunda metade do século XII, outros textos filosóficos foram traduzidos do árabe, como as obras de al-Kindi, al-Farabi, al-Ghazali, Ibn Gabirol e boa parte do grande Kitab-al-Shiva de Avicena. Grande contribuição também foram os comentários de Averróis, traduzidos por Michael Scott em torno de 1220.

As contribuições do século anterior permitiram que o século XIII fosse muito enérgico e entusiasmante para que intelectuais de peso surgissem no cenário, contribuindo para o surgimento de novas universidades e de novas ordens religiosas. Bolonha e Salerno disputam o título de universidade mais antiga, mas foi em Paris e Oxford que o termo universidade fincou raízes, sendo uma inovação do século XIII e, segundo Anthony Kenny (2012, p. 76), entendida como uma

corporação de pessoas envolvidas profissionalmente e em tempo integral no ensino e na expansão de um corpus de conhecimento de vários assuntos, transmitido-o aos seus alunos dentro de um consenso em matéria de roteiro de cursos, métodos de ensino e padrões profissionais.

Uma universidade na Idade Média era formada por quatro faculdades, a de artes (tinha um caráter universal para estudantes não formados), e as três faculdades superiores: teologia, direito e medicina. Havia muito controle ainda sobre os assuntos e literaturas que se podiam estudar, algumas delas foram até queimadas, como a filosofia natural de Aristóteles. Cabe salientar que tão importante como a criação das universidades no século XIII, foram também o surgimento das Ordens religiosas como a Ordem dos Frades Mendicantes, dos Franciscanos e dos Dominicanos, sendo muitos desses frades professores nas universidades fundadas. Cinco dos mais ilustres pensadores da Idade Média pertenciam a essas duas ordens, como Santo Alberto, Santo Tomás de Aquino, São Boaventura, John Duns Scotus e Guilherme de Ockham, sendo os dois primeiros dominicanos e os demais franciscanos. Foram esses escolásticos, cujas aulas e textos produzidos e debatidos nas universidades, fomentaram a grande riqueza do conhecimento filosófico na era medieval, abrindo caminho para o saber universitário.

2.3 A Tradição Filosófica Aristotélica

Ao conhecer as obras traduzidas de Aristóteles se inicia o processo que faz Tomás romper com a tradição católica de seu tempo, pois, ao mergulhar nas traduções árabes de algumas obras de Aristóteles, é obrigado a rejeitar muitos dos pensamentos que eram ensinados nas universidades católicas. Após ter renunciado o seu magistério em Paris, no ano de 1259, passou algum tempo na Itália, e quando Urbano VI tornou-se Papa em 1261 (transferindo-se com toda a corte papal para Orvieto), Tomás de Aquino também se dirige para lá. Foi na corte papal que ele conheceu o mais preciso dos tradutores de Aristóteles, Guilherme de Moerbeke, cuja associação resultou na série de comentários sobre as obras de Aristóteles. Foi nessa fase que Tomás compôs a sua mais importante obra: “A Summa contra os Gentiles”, concluída em 1265, sendo considerado pela tradição do século XVI um manual do missionário. Grande parte dessa obra é produzida a partir de premissas filosóficas aristotélicas mais aceitáveis a judeus e muçulmanos e nem tanto pela doutrina cristã, sendo considerada uma obra de teologia natural, uma parte da filosofia. Daí para frente, mais propriamente em Roma, Aquino iniciou uma série de comentários das obras de Aristóteles, iniciando com a obra “De Anima”, seguida por “Física” e sua obra prima “Summa Theologiae”.

Como demonstrado acima, toda essa gama cultural e intelectual presente na sua época foi responsável pela leitura que Aquino faz das doutrinas cristãs e o conduz a uma tentativa de conciliação entre a fé e a razão, que contribuem com o tema de estudo proposto:

3 - A RELAÇÃO ENTRE A PROVIDÊNCIA E A PREDESTINAÇÃO

Predestinar, segundo Tomás de Aquino (ST I, q. 23), “é a razão de conduzir a criatura racional ao seu fim, a vida eterna”, sendo “alguns homens direcionados pela ação divina para o seu fim último, como auxiliados pela graça, enquanto outros que são privados da mesma ajuda da graça ficam aquém do seu fim último”, não sendo tal predestinação “algo no predestinado, mas naquele que predestina”. Ela vem a ser “parte da Providência” que é a razão do que tem de ser ordenado a um fim, sendo esta parte principal da Prudência” a quem também está subordinada a Ciência (conhecimento do presente e do passado, essenciais para que se ordene bem o futuro).

Para Tomás, providenciar é preparar de antemão tudo o que for necessário para o fim a que se deseja, ou seja, é o mesmo que a bondade divina. Sendo Deus o Supremo Ser e Governante Supremo do Universo, exerce tal governo por meio da Providência, conforme a citação de Tomás sobre o livro da Sabedoria: “És tu, Pai, que tudo governas por tua providência” (Sb. 15.3). Ele, então, fazendo uso de seus atributos de Ciência e Vontade, prescreve todas as ações visando ao fim último (Sua bondade). Essa destinação prévia ao seu fim, no caso da criatura racional, Tomás de Aquino chama de predestinação. A predestinação, sendo parte da Providência, direciona alguns para a vida eterna, e outros não. Esse direcionamento é um privilégio concedido a alguns de forma ativa por Deus e passiva nos homens, não lhes sendo requerida qualquer participação meritória no processo. Da mesma forma, a predestinação não fornece conhecimento prévio ao predestinado, mas ele é preparado por Deus desde a eternidade para conformar-se à razão dessa ordenação, ou seja, à sua salvação.

Tomás afirma que a predestinação está sujeita à Providência, que a tudo ordena ao seu fim, sendo tal fim ordenado de forma dupla: um fim ultrapassa a medida e a capacidade da natureza criada, ou seja, não se consegue alcançar por si mesma, e isso é a vida eterna que só se alcança com a ajuda divina. Tomás se utiliza da metáfora da flecha disparada pelo arqueiro que, não tendo o poder em si mesmo de se lançar de encontro ao alvo, necessita de uma força externa que a arremesse. Assim, é Deus que, em sua Providência, prepara tudo o que é necessário para a realização dos seus desígnios. O outro fim é o que a criatura irracional alcança por sua própria capacidade, uma vida terrena que terá o retorno adequado, o que se pode alcançar por si mesmo, de forma natural.

É importante atentar para o fato de que Tomás de Aquino recorre principalmente à passagem bíblica contida na carta de Paulo aos Romanos (Rm 8.30) que diz: “Os que predestinou, também os chamou”. Esse chamado faz parte da “ajuda” divina face à incapacidade do homem em alcançar por si mesmo o que Deus predestinou a ele. Ou seja: àquele a quem Deus chama cabe usar seu livre arbítrio para atender ao chamado. Esse chamado é a ajuda de Deus aos predestinados, que são eleitos pela graça, não impedindo seu livre arbítrio e que são atraídos pela bondade divina, efeito da vontade de Deus. Conforme escrito na *Suma Teológica* (ST Q.23, a.5): “Porque seja o que for que se encontre no homem e que o ordene à salvação, tudo está compreendido sob o efeito da predestinação, até mesmo a preparação à graça, pois esta

certamente se dá em virtude do auxílio divino...” Ou seja, para Tomás, ao predestinar, Deus não exclui o Livre arbítrio ao homem, pois se utiliza dos atributos de sabedoria (Ciência) e vontade (sempre boa) para tudo ordenar ao seu fim que é a sua bondade.

4 - A PROVIDÊNCIA (QUESTÃO 22 DA SUMA TEOLÓGICA)

A providência, para Aquino, é o ordenamento das coisas ao seu fim e, sendo Deus o detentor de toda a ciência (onisciência) e de todo poder (onipotência) é também capaz de realizar toda a sua vontade, conforme lemos nas questões 14 e 22 da Suma Teológica. Tomás afirma que a totalidade do que é bom nas coisas foi criada por Deus e, isto inclui a ordenação para o seu fim, seja ele um fim específico, como por exemplo, ser um rei ou um plebeu, ou a bondade divina, fim último de toda a criação. Sendo Deus um Ser eterno, é necessário que seja compreendido que toda a ordenação preexistia em sua mente, sendo parte principal da prudência indispensável a qualquer ser considerado perfeito, não podendo nada ser a Ele ordenado, pois é Ele o fim último de toda a criação. É essa ordenação prévia a qual todas as coisas estão sujeitas que ele denomina de providência. A fim de amparar seu entendimento, ele cita uma passagem da carta do Apóstolo Paulo, contida em Romanos, capítulo 11 e versículo 36 (Rm 11.36) “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.”

Aquino entende a providência como a razão ou a disposição em Deus de cuidar das criaturas, e a efetiva realização desse cuidado ele chama de governo. Para ele, a providência é eterna e o governo está atrelado ao tempo. Ele afirma que a vontade e a ciência em Deus estão de tão forma ligadas que proporcionam harmonia entre o que Deus quer e o que é necessário fazer, permitindo que não haja injustiça providencial da parte dele. Quando Aquino diz que todas as coisas estão sujeitas à providência divina, ele enquadra tanto as gerais como as particulares, ou seja, cada ação ou reação ao que é ordenado perpassa pelo ato de Deus providenciar, e não escapa ao escopo de sua vontade e conhecimento: “todas as causas particulares estão incluídas na causa universal, sendo impossível que um efeito escape à ordem desta” (ST, q.22, a.1). Por isso é aceitável para Tomás que ocorra na natureza ordenada a possibilidade de deficiências em coisas particulares, pois ainda que contrárias à natureza universal, visam a um bem maior ou até mesmo perfeito: “Sem a morte de animais, a vida do leão seria impossível e a paciência dos mártires não existiria sem a perseguição dos tiranos” (q.22, a.2).

Diante da equivocada constatação por parte de alguns sobre Deus ter entregue o homem à si próprio por causa do Livre Arbítrio, excluindo-o, assim, da providência divina, Tomás afirma categoricamente que tal liberdade “não exclui a providência divina, mostrando apenas que não lhe foi prefixada uma capacidade de ação determinada por um único modo de agir” (q.22, a.4). Sendo Deus a causa final do Livre Arbítrio do homem, há uma forma especial de Deus no trato com o justo e os ímpios, não permitindo que nada comprometa a salvação final dos justos, ainda que usufrua de sua liberdade arbitral, conforme a Carta a Romanos (Rm 8, 28): “Tudo concorre para o bem dos que amam a Deus”. Assim, ainda que Deus permita ao homem usar o seu livre arbítrio, em sua providência já determinou previamente tudo o que é necessário e que conduzirá o mesmo homem a cumprir o ordenamento à salvação ou condenação, sendo importante ressaltar sempre a ligação da providência com os demais atributos divinos como Vontade e Ciência de Deus, que contribuem reciprocamente para a perfeição dos atos divinos.

Tomás de Aquino conclui que as ordenações das coisas são providencialmente instituídas, sendo algumas instituídas de forma necessária e outras de forma contingente, para que ocorram condicionalmente relacionadas a causas próximas, sendo a ordem da providência divina imutável e certa.

5 - A CIÊNCIA DE DEUS (QUESTÃO 14 DA SUMA TEOLÓGICA)

Partindo do princípio de que conhecer é uma operação vital (conforme diz Tomás de Aquino, “o objeto da ciência é o verdadeiro e, portanto, a verdade e o erro precisam consideradas”), ele afirma que (ST. Q14) “o conhecido está no que conhece e as razões das coisas que estão no conhecimento de Deus chamam-se ideias, estas também devem ser consideradas.” É importante aceitar que existe ciência em Deus, tendo em vista que toda a operação e toda a providência divina é dependente dela. A ciência ou conhecimento em Deus é perfeita, não sendo como o conhecimento que o homem pode ter a respeito de qualquer coisa, fazendo parte da perfeição de Deus, juntamente com outros atributos, como a onipotência e a onipresença. Para Aquino, sendo Deus um ser imaterial, não está limitado como os seres materiais, pois é pela matéria que a forma está restringida, estando Deus no ápice de tudo. Aquino defende que toda a perfeição que possa existir em qualquer criatura, em Deus existe de um modo muito superior, o que inclui o conhecimento.

Dentro dessa perfeição ou atributo divino está a possibilidade do autoconhecimento. Conforme dito por Aquino, ao citar o tratado *Sobre a Alma*, escrito por Aristóteles (Livro III, c. 8: 431, b, 20-28) “o sensível em ato é o sentido em ato, e o inteligível em ato é o intelecto em ato”. Isso quer dizer que tanto o sensível como o inteligível estão em potência, e Deus não é potência, mas, sim, ato puro, sendo nele tanto o intelecto como o objeto conhecido plenamente idênticos.

Tomás de Aquino afirma que o conhecimento de Deus faz parte de sua essência, não existindo em Deus nenhuma forma distinta de seu ser: “o intelecto, o conhecido, a representação, o inteligível e o próprio conhecer são absolutamente uma única e mesma coisa” (a. 4). Assim, é viável que Deus conheça a si mesmo, pois subsiste em si mesmo, sendo o conhecimento em Deus um ato de sua perfeição. É indispensável também que se aceite que Deus conheça o que é distinto de si, como efeito do conhecimento pleno de Deus, conforme escrito em Hebreus 4.13: “Tudo está desnudo e aberto a seu olhar”. E essa ciência de Deus, combinada com os demais atributos (como onipresença, onipotência, amor, bondade) é a causa das coisas, inclusive as que ainda não foram criadas ou não aconteceram. No próximo item será apresentado a vontade de Deus que funciona como uma inclinação ao efeito e que, combinada com a ciência, produz a providência onde a predestinação se efetiva.

No artigo 10, Aquino responde que Deus conhece os males. Ora, é de se compreender tal resposta pois, se aceitamos atributos como onipotência, onipresença e onisciência de Deus, é de se aceitar também que a ciência ou conhecimento de Deus não é limitada. Coisas boas e coisas más fazem parte da existência e nada pode ser ocultado daquele que tem o pleno conhecimento. Aquino lembra que coisas boas podem ser deterioradas com o tempo e vir a se tornar coisas más, sendo o mal a privação do bem. E Deus conhece o mal, quando falta o bem. Não é Deus a causa do mal, mas do bem. O mal é a deterioração do bem, Deus conhece tanto o que está em ato como o que pode vir a ser, ou seja o que está em potência, o que inclui os futuros contingentes que fazem parte da eternidade que está em Deus: “O que era, o que é e o que há de ser” (Ap. 1.8), o escrito do apóstolo João ratifica esse pensamento. Assim como Deus é eterno e imutável, Aquino diz que seu conhecimento também é imutável, ainda que em sua relação com as criaturas, estando essas passíveis de mutabilidade, isso não impede que Deus conheça todos os efeitos mutáveis na relação com as criaturas, ainda que possam ser e não são. Por isso, mais do que nunca é racional

atentar para a providência de Deus que, combinando sua ciência e vontade eternos, tenha predestinado tudo e todos para um fim que Ele quer..

6 - A VONTADE DE DEUS (QUESTÃO 19 DA SUMA TEOLÓGICA)

O entendimento de Tomás sobre a vontade de Deus e sua relação com a predestinação dos homens é um dos temas que mais causam divergências e embates no seio do cristianismo atual. Deus realmente quer que alguns sejam salvos ou alcancem a felicidade e outros sejam condenados? Isso contraria outros atributos como “amor” e “justiça” em Deus? Como as Igrejas Reformadas entendem isso? Qual o entendimento da corrente Arminiana sobre o tema? Tais questionamentos são justos, a depender do ponto de vista humanitário tão reivindicado com o desenvolvimento das ciências humanas que buscam atender aos anseios dos homens, tendo-os como o principal objeto de estudo. Entretanto, cabe ressaltar que o universo acadêmico a que Tomás de Aquino pertencia era controlado pelo pensamento eclesiástico dominante, ainda que ele já estivesse rompendo com a forma ortodoxa e dogmática em relação a alguns temas filosóficos, inclusive a partir de seus estudos dos textos aristotélicos.

Na Questão 19, Aquino responde às questões sobre a possibilidade de Deus ter vontade e se Deus tem vontade de algo distinto de si mesmo, se o objeto de sua vontade seria por necessidade, se sua vontade era causa das coisas, se ela sempre se cumpre, se estava sujeita a mudanças. Ele fala também sobre o fato do mal como vontade ou não de Deus, se existe livre-arbítrio em Deus, questões essas difíceis até mesmo para o doutor Comum responder.

Na *Suma Teológica*, ele afirma que “há em Deus vontade, como há nele intelecto.” (a.1) e ele esclarece que tal vontade é consequência do intelecto. Se aceitamos que há intelecto (Ciência) em Deus, também devemos aceitar que nele também haja vontade, sendo essa uma parte de sua essência, assim como o intelecto. Sendo a vontade de Deus o bem que é movido por sua própria essência. É o que Aristóteles chama de primeiro motor que se move a si mesmo.

No artigo 2, Aquino diz que a vontade de Deus não é apenas atinente a si mesmo, mas também a coisas distintas de si, pois Deus comunica o que lhe é próprio a outros, passando esses a serem objeto da vontade divina, sendo tais objetos da vontade de Deus a razão de determinado fim. Tomás cita o exemplo do remédio amargo que deseja ser tomado por causa do bem da saúde.

Ou seja, é a bondade de Deus que move sua vontade. Deus não tem necessidade no sentido absoluto das coisas que são objetos de sua vontade. A necessidade, então, é condicional. As coisas que Deus quer, não as quer por simples vaidade, mas porque são necessárias em relação à sua bondade. Para que sua bondade seja efetiva, Deus quer ou deixa de querer alguma coisa. É aí que se aplicam os temas da “Predestinação”, da providência e outros mais. O fim a que estão predestinados os seres humanos está diretamente relacionado ao intelecto e à vontade de Deus, sem deixar de considerar outros atributos divinos como bondade e justiça.

Em continuação ao tema da vontade de Deus, existem alguns fatos a serem ainda considerados: o primeiro é se a vontade de Deus é a causa das coisas; e o segundo é se existe uma causa motivadora da vontade divina. À primeira indagação, Tomás afirma que “a vontade de Deus é a causa das coisas” (q.19, a.4) sendo assim, toda ação divina é realizada por vontade própria, nunca por necessidade da natureza. Ou seja, não há nada superior a Deus que lhe possa determinar uma vontade, sendo suas ações resultantes de seu intelecto e vontade, partes de sua essência. Em resposta à segunda questão, Tomás afirma que (q.19, a.5) “de modo algum a vontade divina tem causa”, pois tal como o intelecto, a vontade é regida pela essência de Deus que é eterna. “Deus por um ato conhece todas as coisas em sua essência, também por um único ato quer tudo em sua bondade” (q.19, a.5). Deus conhece o fim antes dos meios, sendo o resultado conhecido na sua eternidade ainda que muitas vezes sejam produzidos indiretamente. Nisso enquadram-se os efeitos produzidos por algo ruim aos nossos sentidos que, por sua vez, produzem coisas boas.

No artigo 6, Aquino afirma que “é necessário que a vontade de Deus sempre se cumpra”. Daí surgem algumas distorções no entendimento. Pois a questão do mal pode aparecer como proveniente da vontade de Deus, o que será tratado mais adiante. Em se aceitando a pessoa Toda poderosa de Deus e com todos os atributos já referendados, é de se esperar que o Deus que tudo pode também faça cumprir sua vontade. Mas a prática revela que nem todas as coisas que acontecem são boas e daí pode-se entender equivocadamente que as coisas ruins que acontecem fazem parte da vontade de Deus, ou que o não acontecimento das coisas boas implicaria em uma deficiência da vontade divina. Aquino afirma que a vontade de Deus é “causa universal de todas as coisas,” (q.19, a.6) mas que é preciso considerar as causas particulares, inclusas nessa universalidade. Ainda que os efeitos provenientes de causas particulares sejam conflitantes com o que se espera da vontade sempre boa de Deus, tais efeitos são componentes de um efeito maior,

universal, que se realiza conforme a vontade de Deus. Vemos que Deus, ao manifestar sua vontade universal, a faz se cumprir organizadamente em relação a outros de seus atributos e inclusive levando em considerando a vontade do homem (Livre Arbítrio) como ato de Justiça. Daí a explicação de Damasceno quanto ao querer de Deus que todos os homens sejam salvos, proferida pelo Apóstolo Paulo na Carta de 1ª Tm 2.4: “O qual deseja que todos as pessoas sejam salvas e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”, ser reafirmada por Tomás como sendo “vontade antecedente, não da vontade consequente” (q.19, a.6), o que explica a não realização dessa vontade de Deus. Ou seja, algumas pessoas não se salvam, não como falha da vontade de Deus, mas como consequência da sua Justiça. Um grande exemplo usado por Aquino é o do juiz justo que quer que todos os homens vivam, mas em respeito à vontade consequente, quer que o assassino seja enforcado. É necessário levar em consideração as circunstâncias particulares para se entender o universal. Apesar desses infortúnios na vontade universal, é preciso considerar que, por causa de sua sabedoria (ciência), Deus não pode ser surpreendido, e isso explica o porquê da predestinação se cumprir dentro da providência divina.

Em relação ao mal como vontade de Deus, o Aquinate define o mal como oposto ao bem, e ele não é naturalmente apetitivo, ainda que esteja ligado a um bem. O mal que possa ser tido como parte da vontade de Deus é sempre aquele ligado a um bem maior, como por exemplo o mal resultante (dependendo do ponto de vista) do cumprimento da Justiça. Um exemplo disso é a morte aplicada como sentença punitiva. O mal então ocorre como permissão de Deus e está sempre atrelado a algo universalmente maior.

7 - CONCLUSÃO

Os escritos de Tomás de Aquino, juntamente com os de seu antecessor Agostinho e os grandes nomes da Reforma Protestante, Martinho Lutero e João Calvino, apresentam uma resposta mais racional ao tema controverso da predestinação, por mais que seja difícil aceitá-lo.

Na *Suma Teológica*, fonte principal dessa Monografia, estão as explicações mais coerentes com a razão humana, se acreditarmos que o Deus do cristianismo é Onisciente e Onipotente. Sendo assim, não se pode retirar dele a ação de predestinar qualquer coisa à sua forma final. É claro que para tal compreensão é preciso compreender alguns dos atributos existentes em Deus que possam conferir-lhe tal poder.

Os atributos da “Ciência em Deus” e a da sua “Vontade” soberana são essenciais para se chegar às mesmas opiniões a que chegaram os reformadores. E é assim que concluímos tal trabalho, pois o breve histórico da pessoa de Tomás de Aquino, as fontes a que ele fora submetido antes de tais conclusões, dentre elas a patrística, a escolástica e a aristotélica foram essenciais para que ele firmasse seu entendimento sobre o que é predestinação em Deus e a relação que ela tem com a divina Providência. Tais atributos de Deus são essenciais para se afirmar a possibilidade de Ele predestinar uma pessoa à salvação e outra à condenação eterna conforme prescrito na *Suma Teológica*.

Assim, Tomás de Aquino faz jus aos títulos e reconhecimento na Teologia cristã católica, que também é a base para a teologia reformada no que diz respeito ao tema, apesar da resistência protestante quanto ao reconhecimento de sua contribuição filosófica, por causa de sua catolicidade. As discussões não se encerram na atualidade, tendo em vista um renascimento da teologia reformada, que parecia estar adormecida com o crescimento das denominações evangélicas adeptas do semi-pelagianismo arminiano professado por grandes denominações , como a Batista e a Assembleia de Deus, mundialmente conhecidas e de numerosos seguidores. Enquanto que as denominações de origem reformadas têm sua maior representatividade na denominação presbiteriana, sendo essa a mais próxima do que ensinam Tomás de Aquino e os líderes reformadores.

8- BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica, Teologia, Deus, Trindade*, Vol I. Trad. De Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira et al. 5ª Edição. São Paulo: Editora Loyola. 2016.

BARTH, Karl. *Carta aos Romanos, Segundo a Quinta Edição Alemã*. Trad. de Lindolfo Anders. 11ª Edição. São Paulo: Editora Fonte Editorial. 2020

BRUNNER, Emil. *Romanos*. Trad. De Delber Calaça. 2ª Edição. São Paulo: Editora Fonte Editorial. 2020

DAVIES, Brian. *Thomas Aquinas on God and evil*. Published by Oxford University Press, New York, USA. 2011.

GEISLER, Norman et al. *Predestinação e Livre-Arbitrio, Quatro perspectivas sobre a soberania de Deus e a Liberdade Humana*. Trad: Osvaldo Ramos. 3ª Edição. São Paulo: Editora Mundo Cristão. 2000.

MARCONATTO, Arildo Luiz. "Alberto Magno (1193/1206 - 1280)" em *Só Filosofia*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2021. Consultado em 01/07/2021 às 12:01. Disponível na Internet em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=50

OLIVEIRA, Paulo César de. *Averróis e a religião do filósofo*. Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre. Pouso Alegre. Consultado em 01/07/2021 Disponível na Internet em <https://www.theoria.com.br/edicao19/06012016RT.pdf>

KENNY, Anthony. *Uma Nova História da Filosofia Ocidental, Vol II*. Trad. Edson Bini. 2ª Edição. São Paulo: Editora Loyola. 2012.

<https://pensarteologico.blogspot.com/2009/12/o-escolasticismo.html> acessado em 13/04/2021 às 12:11